

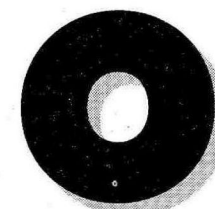
ENTREVISTA

JORGE FURTADO

CURTA BRASILEIRO É O MELHOR DO MUNDO

A "CÉLEBRE" MÁXIMA, CONSAGRADA PELO SENSO COMUM, DE QUE CINEMA BRASILEIRO NÃO PRESTA', FOI SOLENEMENTE DESMORALIZADA NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS. OS CURTA-METRAGENS BRASILEIROS TÊM GANHO OS PRINCIPAIS PRÊMIOS NOS MAIS IMPORTANTES FESTIVAIS INTERNACIONAIS. O GAÚCHO JORGE FURTADO, DIRETOR DE **ILHA DAS FLORES**, **O DIA EM QUE DORIVAL ENCAROU O GUARDA**, ENTRE OUTROS, É O MAIS PREMIADO CINEASTA BRASILEIRO NA ATUALIDADE. NESTA ENTREVISTA, ELE FALA DA VIRADA DO CURTA, INICIADA EM MEADOS DOS ANOS 80.

SEVERINO FRANCISCO



que explica a vitalidade do curta em relação ao longa-metragem nos últimos anos?

— A crise de mercado do cinema brasileiro. Embora o Cinema Novo tenha sido um movimento fundamental na busca de uma estética brasileira, nos últimos tempos, ele se fechou sobre o próprio umbigo e foi substituído pela pornochanchada. O cinema brasileiro perdeu um nicho de público muito importante: o daquelas pessoas que vão ao cinema para ver se as suas vidas são transformadas pelo filme. A televisão tomou espaços e não apóia o cinema. O curta não enfrentou crise de mercado, mesmo porque ele não tem mercado. O longa se tornou muito caro e não se pagava. Quem queria experimentar a linguagem ia para o curta.

— Mas, em termos estéticos, o que deflagrou a onda do curta?

— O **Di Glauber** é um filme fundamental para esta virada do curta. Lembro-me do impacto de ver o filme em cópias piratas no início dos anos 80. Não havendo mercado, ousar é uma coisa quase natural no curta. Até o início dos anos 80, o curta era ligado aos documentários. Tanto que existiam associações de documentaristas. A partir de 83 surgiram muitos curtas de qualidade. E o Festival de Gramado de 86 é um marco na virada do curta. O primeiro prêmio foi dividido entre três filmes: **O dia em que Dorival encarou o Guarda**, meu, **Ma Que Bambina**, do Cecílio Neto e **A Espera**, de Fernando Carvalho. Fizemos uma mostra em Porto Alegre que foi um sucesso. A mostra foi para o Museu da Imagem e do Som, de São Paulo, e tinha fila para ver os curtas.

— No seu caso, o que te impulsionou a fazer cinema?

— Os filmes de super-8 feitos aqui por Giba e Nelson Nadotti. Eu assisti **Deu Pra Ti Baixo Astral** no chão. Mas a minha maior influência é menos de cinema brasi-

Carlos Gerbase



PRÊMIOS INTERNACIONAIS DE JORGE FURTADO

- 1 — **Esta não é a sua vida**
Festival de curta-metragem de Clermont-Ferrand — 1992 — Melhor Filme
- 2 — **Ilha das Flores**
Prêmio Air France 1989 — Melhor curta
Prêmio de Cinema de Berlim — 1990 — Urso de Prata
Festival de curta-metragem de Clermont-Ferrand — 1990 — Melhor filme — Prêmio do Júri e Prêmio da Crítica
Festival de Cinema de Nodubget (Alemanha) — 1990 — Melhor filme
Festival Internacional do film de Region — França — 1994 — Melhor Filme
- 3 — **O Dia em que Dorival encarou o Guarda** (co-direção com José Pedro Goulart Festival Ibero-Americano de Huelva — Espanha — 1986 —
Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano — Melhor curta de ficção
- 4 — **Barbosa** (co-direção com Ana Luiza Azevedo)
Festival de Cinema de Havana — Cuba — 1988 — Melhor curta de ficção

leiro do que de cinema estrangeiro. O gosto pela experimentação da linguagem vem principalmente de Godard, Trautfaut, Alain Resnais, a turma da Nouvelle Vague Francesa. Eu vi os filmes do Cinema Novo muito tempo depois em que eles foram produzidos. Quando Glauber fez **Deus e o Diabo**, em 64, eu tinha 4 anos. **Meu Tio da América**, de Alain Resnais, é o filme que mais me influenciou, porque ele trabalha muito no jogo entre ficção e documentário.

— É daí que vem também o gosto pelo humor?

— Talvez, mas eu acho que no fundo o humor dos meus filmes é uma memória da

literatura. Outro dia eu estava relendo uns textos e percebi que eu havia chupado, quase que inteiramente, certas tiradas de humor, uma lógica maluca, que mistura coisas absurdas, nos livros do Kurt Vonnegut.

— Em que direção evoluiu o curta?

— Existe uma forte tendência à ficção. Em 89, quando eu ganhei o prêmio do Festival de Gramado, **Ilha das Flores** era o único documentário. A narração está cada vez mais presente. É um método barato e que permite soluções interessantes. Eu gosto muito dos curtas do Arthur Omar, do Torero, do Francisco César. Mas, hoje, você não tem o que fazer com o curta, a não

ser passar em festival. Os dois últimos filmes que consegui fazer foram produzidos pela tevê inglesa e pela tevê alemã.

— O curta brasileiro tem ganhado uma série de prêmios internacionais. Até que ponto o curta brasileiro sustenta um confronto com que se faz no mundo?

— O prêmio é uma referência fácil. Eu posso fazer um filme maravilhoso e ninguém ligar. Mas se digo: ganhei em Cannes, todo mundo se rende: bárbaro! Mas, eu tenho participado como jurado de vários festivais internacionais, e posso afirmar, sem nenhuma ponta de ufismo, que o curta brasileiro é o melhor do mundo ao lado do curta francês. Esta não é a opinião de um brasileiro, é a opinião dos estrangeiros. Existe o preconceito e o pós-conceito. Existem filmes brasileiros que são abominados porque são ruins mesmos. Mas afirmar que não gosta do curta brasileiro é puro preconceito, pois existem muitos filmes bons.

— O que é preconceito, por exemplo, contra o cinema brasileiro?

— As pessoas dizem que tem muito palavão no cinema brasileiro. Tem muito menos que no cinema americano. A toda hora eles dizem: **fuck you**. Aí o cara traduz: **dane-se!** É a mesma coisa que máquina de lavar. É ruim só porque é brasileiro.

— Apesar de ter ganhado prêmios internacionais, mesmo o curta está sem saída. Que perspectivas vislumbra para o cinema brasileiro?

— A grande transformação mesmo seria a parceria com a televisão. Acho que falta interlocutores para que isto aconteça. Não adianta eu tentar vender o meu projeto individualmente. O governo, os parlamentares, os representantes, têm de sentar com os donos das grandes redes de televisão e acertar isto. Os produtores têm de entender que o mercado é altamente competitivo. É muito fácil mudar de canal. Ao mesmo tempo, a tevê tem de entender que o cinema busca a inovação, tenta ver o país de outra maneira.